

## APRESENTAÇÃO

É consenso que nossa época vive a exacerbação do eu. Redes sociais, publicidades, teledramaturgia, todas as linguagens presentes no cotidiano reverberam uma espécie de espírito do tempo que colocam a subjetividade como objeto e como meta-objeto da contemporaneidade. E as artes? Como lidam elas com essa questão? E a literatura, entre as artes, como escreve o eu, como tema ou como figura que vai se entrececendo por entre a enunciação narrativa e poética? Não seria, a literatura, um tipo de linguagem que estaria, sempre, em qualquer tempo, a falar do eu?

Este número da *Itinerários: Revista de Literatura* está dedicado à reflexão sobre as escritas do eu, em todas as formas que elas adquirem, quer se apresentem como autobiografia, testemunho, ou sejam chamadas de autoficção. Ainda que já exista uma extensa bibliografia sobre a distinção que se possa fazer entre uma ou outra forma de escrita do eu, a instabilidade terminológica traduz a abrangência do tema que se beneficia das obras memorialistas e se contagia com todas as vicinidades que a subjetividade consegue agrupar. Mais do que clarear um tema pela estratégia da exclusão, os estudos aqui publicados complexificam-no e oferecem ao leitor um significativo panorama de obras e autores dedicados a problematizá-lo.

O artigo de Véronique Braun Dahlet que abre o presente número reflete teoricamente sobre os termos pessoa/referência/identidade na escrita de si, propondo que a relação entre os três termos é mais complexa do que parece, pois decorre do entrecruzamento de, no mínimo, três domínios: o da teoria literária através da narratologia, o da linguística da enunciação e filosofia da linguagem através da referência e da relação que estabelece entre os pronomes pessoais e a identidade e, enfim, o pragmático através do “pacto autobiográfico”. O artigo seguinte trata da leitura que Derrida faz de Blanchot, estudados por Osvaldo Fontes Filho. Entre testemunho e enunciação ficcional, a narrativa de Blanchot constrói o que Derrida chama de “o lugar passional da escrita literária”. Com a obra *Demeure* de 1998, o estudioso percorre “[...] alguns lugares da hermenêutica derridiana, em sua frequência do que permanece inconfessável na narrativa suspensiva do EU blanchotiano, modo de surpreender a voz autobiográfica em suas afasias de fundo.”

Em seguida, Anna Faedrich trata de demarcar as fronteiras que definem a obra autoficcional, tentando um melhor enquadramento conceitual. Escritores brasileiros contemporâneos como Jaques Fux, Michel Laub, Ricardo Lísias e Cristovão Tezza, entre outros, são colocados em diálogo pela estudiosa, com os teóricos da literatura contemporâneos que tratam do tema. Entre a autobiografia e o romance ficcional,

a autora traça um panorama de formas romanescas que passam de um gradiente a outro com as sutilezas que só a arte é capaz de criar. É também sobre Ricardo Lísias o artigo de Milena Magalhães, estudando o romance *Divórcio*. Enfocando o que Diana Klinger chama de “constelação autobiográfica”, a autora estuda os vários gêneros de escrita que o romance agrupa para criar o efeito de indecidibilidade ficcional que aumenta o impasse em torno da questão.

O ensaio de José Antonio Segatto e Maria Célia Leonel estuda a obra de Graciliano Ramos a partir dos conceitos de autobiografia, procurando estabelecer uma proposta de classificação da obra em que os elementos autobiográficos são mais visíveis ou em que a autobiografia se configura por meio da personagem de ficção. Com base em estudiosos reconhecidos no tema, os autores propõem uma importante classificação na produção de Graciliano a partir da seguinte tipologia: autobiografia histórica ou convencional em *Infância* de 1945; autobiografia de testemunho em *Memórias do cárcere* de 1953; autobiografia de ficção em *Angústia* de 1936 e autobiografia de personagem de ficção em *São Bernardo* de 1934. Mais do que um estudo sobre o tema da autobiografia, o ensaio ilumina aspectos da obra de Graciliano até então pouco estudados.

É pouco estudada, também, a perspectiva adotada por Luciana Murari para pesquisar o sujeito ficcional na narrativa regionalista em primeira pessoa. A partir das obras regionalistas *Contos gauchescos*, de João Simões Lopes Neto, *Lereias*, de Valdomiro Silveira e *Grande sertão: veredas*, de João Guimarães Rosa, que possuem em comum a narração em primeira pessoa, o artigo faz ver a autoconsciência da obra regionalista como uma linguagem mediadora entre as diferenças internas à cultura nacional.

O artigo de Deise Quintiliano Pereira analisa o projeto autobiográfico de Sartre como uma relação fantasmática entre as escritas do eu e as escritas de si, na tentativa de verificar como o percurso escritural desse projeto permite verificar a conhecida identidade do escritor. Sartre confere à (auto)biografia um caráter mais racional e científico, o que permite a Philippe Lejeune reconhecer nele o primeiro escritor a fundar a técnica da biografia baseada na adoção de um método verdadeiramente original, com novas estruturas narrativas que implicam uma renovação geral da antropologia e dos modelos de descrição e explicação do homem.

Rodrigo Ordine também se baseia em Lejeune para discutir uma agenda contemporânea para o pacto autobiográfico propondo uma reavaliação das definições iniciais do pesquisador francês a partir da análise da obra *Beira-mar* (1985), de Pedro Nava, em diálogo com as proposições críticas de José Carlos da Costa (2007). O autor refere-se, ainda, a outras obras literárias, tais quais *Romance negro com argentinos* (2001), de Luisa Valenzuela, *O aleph* (2001), de Jorge Luís Borges e *Como me hice monja* (2004), de César Aira para defender uma noção de ficção como manufatura, apoiada no conceito de ficcionalidade, como definido por Heidrun Krieger Olinto (2003).

É na literatura alemã contemporânea que Helmut Galle vai buscar elementos para discutir o conceito de autoficção. Para o autor, é questionável o uso de uma definição historicamente extensa que tende a substituir os termos de autobiografia pelo novo conceito de autoficção. Para este último, o autor considera que apenas as obras que propõem um pacto intencionalmente ambíguo mobilizando a imagem do autor empírico com elementos ficcionais é que podem ser assim chamadas. Autores como Felicitas Hope, Glavinic, David Wagner, Max Frisch, entre outros, são estudados pelo autor para discutir a autonarração e a abrangência dos conceitos, bem como os pesquisadores mais renomados do tema.

Nelson Barbosa estuda a autoficção em Caio Fernando Abreu, propondo uma oposição entre escrita autoficcional e escrita autobiográfica para entender a poética de Caio como uma autoficção do autor. “Garopaba mon amour” é o conto escolhido para essa empreitada, cujos resultados se estendem a toda a obra do escritor brasileiro.

Yukio Mishima é o importante escritor japonês estudado por Henrique de Oliveira Lee. Estudando o espaço autobiográfico, o autor busca relacionar as implicações potenciais de aspetos performativos em jogo no texto com o estabelecimento de pactos de leitura.

Maria Cristina Batalha propõe, com seu artigo, examinar a coletânea *Nouvelles d’Algérie* (1998), de Maïssa Bey, pseudônimo adotado pela escritora argelina Samia Benameur para escapar às condições adversas nos anos 1990, período de grande instabilidade política em seu país. Dando voz a personagens que a História calou, a escritora tenta recompôr o “eu” estilizado por meio da fabulação, compondo uma importante fonte de reflexão sobre a autoficção, autobiografia e o romanesco.

Os dois últimos artigos tratam de poesia, gênero literário que se define pela subjetividade, pela excelência na escrita do eu. Foi Bakhtin, entre os estudiosos modernos, que tratou da poesia como discurso monofônico, em comparação ao romance polifônico, especialmente pela dominância da voz do poeta, menos a falar de si que a falar da própria poesia. É sobre Bakhtin e a poesia de Carlos Drummond de Andrade o artigo de Carina Dartora Zonin e Márcia Ivana Lima e Silva, propondo uma leitura de *A rosa do povo* como poesia polifônica, em que se podem ouvir as vozes alheias representativas do lirismo de participação do poeta brasileiro. E Bernardo Nascimento Amorim estuda a escrita diarística em tensão com a ficcional em dois textos de *Céu em fogo* de Mário de Sá-Carneiro verificando, entre outras coisas, a presença da ideia de transcendência, a qual, iluminando um certo trânsito para a alteridade, revelar-se-ia como elemento fundamental do modo como o autor pensa e escreve sobre a própria experiência subjetiva.

A seção “Varia” deste número oferece ao leitor dois artigos. O primeiro deles, “Cartas a *un pied-noir*: três faces da correspondência de Albert Camus”, de Raphael Luiz de Araújo, tem como objeto de estudo a correspondência do escritor franco-argelino com Pascal Pia, René Char e Jean Grenier. Partindo do conceito

de campo literário proposto por Pierre Bourdieu, o trabalho busca compreender como esses documentos contribuem para criar uma imagem autoral de Camus na esfera pública e privada. O interesse do artigo está no fato de que a carta, espaço em que se interpenetram o afetivo e o ideológico, é também um produto cultural de legitimação da autonomia do escritor e do reconhecimento recíproco entre intelectuais. O segundo e último artigo desta seção, assinado por Eliane Soares de Lima, tem por título “Paixões do leitor: a convocação afetiva no conto ‘Baleia’, de Graciliano Ramos”. O trabalho tem como premissa o fato de que o processo de recepção do texto está inscrito no campo da enunciação, pois, como lembra a autora, a convocação da interação sensível-inteligível do leitor-modelo, de seu envolvimento emocional com as personagens e com a história narrada está condicionada ao percurso de representação empregado pelo autor. Seu objeto de análise é o conto “Baleia” publicado isoladamente por Graciliano Ramos, mas depois incluído como um dos capítulos de *Vidas Secas*.

O volume completa-se com a resenha assinada por Júlio César Bastoni sobre o livro *O poeta de lá* (EdUSFCAR, 2014), de Wilton José Marques. Depois de *Gonçalves Dias: o poeta da contramão*, Marques volta a desvendar novas facetas de um dos mais importantes poetas do romantismo brasileiro, comprovando que a literatura oitocentista ainda está aberta a novas leituras e interpretações.

*Maria de Lourdes Ortiz Gandini Baldan  
Adalberto Luis Vicente*

